

IMORTAIS DA ACADEMIA
EPISÓDIO 33 – OS HOMENS FAZEM A LÍNGUA

01:00:17:19

ABERTURA

01:00:22:14

OFF

Quarenta cadeiras que acolhem passado e presente,
Arte e ciência, pensamento e memória,
Legando o que há de mais notável na literatura brasileira.
A cada episódio, uma cadeira a revelar gerações de brasis.
Sob o teto da Academia Brasileira de Letras,
Assenta-se o nobre e glorioso domínio da imortalidade.

01:01:02:27

VIDEOGRAFISMO – Imortais da Academia

01:01:23:00

EVANILDO BECHARA – Atual ocupante da Cadeira 33

Quando você fala em língua, você fala em cultura, você fala em história, fala em geografia, fala nos produtos da culinária, fala nos produtos de terra. Os corpos materiais e imateriais da nossa existência. Porque como o nosso primeiro gramático disse, o Fernão de Oliveira era o autor, era o nome do autor, ele disse: “Os homens fazem a língua, e não a língua os homens.” Nós devemos, portanto, cultivar a língua.

01:02:17:11

VIDEOGRAFISMO – Cadeira 33: Os homens fazem a língua

01:02:23:00

EVANILDO BECHARA – Atual ocupante da Cadeira 33

Eu sou pernambucano, cheguei ao Rio em 1940, depois que meu pai morreu, e vim pra casa de um tio avô. Meu tio avô fazia as suas faxinas no tempo em que os velhos tinham aqueles baús. De vez em quando eles se lembravam de abrir um baú daquele e fazer uma faxina. E numa dessas faxinas eu junto a ele, ele remexendo o baú dele, de onde ele tirava uma espada, de onde ele tirava um sapato antigo e tal, ele disse assim: “Olhe, você que gosta de português, tome aqui esse livro.” Eu abri o livro. O livro se chamava “Lexiologia do português histórico”. Era um livro do Said Ali. Era a primeira parte de uma gramática da língua portuguesa, uma gramática histórica. Quando eu peguei o prefácio, a primeira frase me deixou, me levou ao outro mundo, porque o Said Ali relacionou a língua aos falantes. Coisa que as outras gramáticas falavam das regras, citavam os autores, mas não havia ali o fundador daquele material, que era o ser humano. Então o Said Ali começou dizendo que ele não tratava a língua divorciada dos seus falantes. E naquele mesmo dia eu disse assim: “Olha eu vou fazer deste homem, como disse o Dante do Virgílio, *il mio autore*, o meu autor.” Naquele tempo tinha uma coisa preciosa nas casas que era a lista telefônica. Aí eu procurei lá na lista telefônica M. Said Ali, esse “M” é de Manoel, M. Said Ali, e encontrei o telefone dele. Eu digo, “Será que esse homem ainda está vivo?” Peguei o telefone, atendeu uma voz

feminina. Eu disse: “Ó, por favor, quem está falando aqui é um leitor dos livros do professor Said Ali, e eu gostaria, eu tenho uma dúvida. Gostaria de saber se ele poderia me atender.” Ela disse: “O senhor espere um minutinho.” Aí, logo depois veio e disse: “Olhe, o titio mandou dizer que o senhor pode vir (marcou o dia), à partir das duas horas da tarde.” E eu então, ao dia e hora aprazados, eu apareci a casa de Said Ali. E assim começamos uma amizade que durou, praticamente, quase 12 anos, que ele morreu ia completar 92 anos. Então esse foi o meu primeiro mestre. Uma pessoa admirável.

01:05:20:03

VIRGINIA LEAL – Professora de linguística da UFPE

É muito interessante imaginar o papel que um gramático, como um filólogo, como Evanildo Bechara tem em relação aos estudos sobre a linguagem, especialmente do Brasil. O Bechara começa a difundir exatamente os seus trabalhos num momento em que a linguística vai se firmando no Brasil, isso na década de 1960. Então ao lado dos estudos gramaticais, dos estudos filológicos clássicos, a gente vai encontrar também os chamados estudos linguísticos. E o Bechara, junto com os demais de sua geração, consegue fazer naquela época, uma integração interessante entre os estudos científicos da linguagem e os estudos tradicionais. Ou seja, ele consegue articular muito bem os estudos da linguística com os estudos da gramática, que estavam, então, nesse momento, na década de 60, num processo de aproximação.

01:06:30:07

OFF

“O que, de modo algum, compete à linguística é ser o pelourinho da gramática tradicional, apontando-lhe os erros, mas não a enriquecendo com sucedâneos mais eficazes (...). Infelizmente, muita gente não traça com a devida segurança os limites desses campos, e transforma, assim, a aula de língua portuguesa numa aula de linguística, de objetivos bem diferentes.”

Ensino da gramática. Opressão? Liberdade?

Evanildo Bechara

01:07:04:27

MARIA TERESA GONÇALVES PEREIRA – Doutora em letras

O professor Evanildo Bechara, ele, primeiro ele é um cultor da língua portuguesa. Mas quando a gente fala dessa maneira dá impressão de que ele é um erudito distanciado dos fenômenos, dos fatos da língua, daquilo que efetivamente a gente fala, do que a gente escreve, do que a gente entende. Todos os seus depoimentos, todas as suas falas, todas as suas participações em evento, quaisquer que sejam, ele realmente, ele consegue atingir as pessoas, fazer com que elas entendam, e percebam, e compreendam, que ele está falando sobre a língua portuguesa, mas na sua, no seu estado vivo. Ele não está falando de uma língua morta, de uma língua passiva. Ele fala de uma língua que efetivamente nós usamos.

01:08:07:21

OFF

Um dos mais respeitados gramáticos brasileiros da atualidade, Evanildo Bechara, ocupa hoje a cadeira que antes foi de um dos mais destacados nomes da crítica literária no século XX: Afrânio Coutinho.

Afrânio Coutinho – Posse em 1962

01:08:25:15

O Afrânio abriu novos caminhos da literatura. Porque antigamente a crítica literária no Brasil, era uma crítica impressionista. E além de ser impressionista, era um crítica entre amigos e inimigos. Se a pessoa era amiga, por pior que fosse o seu trabalho, estava nas alturas. Se a pessoa fosse inimiga, por maior talento que tivesse a pessoa, a pessoa estaria execrada. E o Afrânio não. O Afrânio foi o Copérnico realmente da literatura, porque ele abriu os caminhos. Ele mostrou que a Terra não era o centro do Sistema Solar. E a mesma coisa foi o Afrânio. Que a literatura, o estudo da literatura estava diversificado.

01:09:18:10

REGINA ZIBERMAN – Escritora e professora

Ele fez da literatura o centro, do texto, da obra literária, o centro das suas análises. Quer dizer, ao contrário de muitos críticos, ele não partiu de fora pra dentro, e sim, de dentro pra fora. Ele fez uma formação nos Estados Unidos dentro do *New Criticism*, e o *New Criticism* tem como, porque veio da Inglaterra, circulou nos Estados Unidos. Foi muito forte nos Estados Unidos. Tem como principal elemento essa, o olhar o texto de perto. Invés de colocar a obra literária num contexto histórico, ou num contexto social, ele vai privilegiar esse olhar de perto. Eles chamam atenção pra isso, a obra tem que falar e desconcentrar, esquecer o que está em torno. E essa, vamos dizer assim, essa metodologia ou essa visão, não é só uma metodologia, é uma teoria da literatura, foi amplamente assumida pelo Coutinho, e ele trás para o Brasil, ele faz essa, não apenas ele se adapta isso, ele aceita essa corrente, ele se envolve, ele se identifica. Mas no Brasil realmente ele foi, representou num dado momento, a grande virada na crítica brasileira, que ainda estava presa aquelas categorias de interpretar a obra pela vida do autor, ou interpretar pelo momento histórico, ou interpretar pela sociedade.

01:10:43:03

OFF

“Nas Letras, sou um caso de geração espontânea, e minha carreira resultou de um deliberado e tenaz esforço de vontade, abandonando a profissão médica, para forçar caminho com inflexível continuidade. Não sofri as habituais influências de ambiente ou círculos literários para aderir à Literatura. Nunca fui de rodas, antes sempre um isolado, tendo-me, no início, batido dentro de solidão escura, para abrir janelas sobre a vida intelectual”.

Discurso de posse na ABL

Afrânio Coutinho

01:11:30:18

REGINA ZIBERMAN – Escritora e professora

E o Afrânio, ele dirigiu um projeto chamado A literatura no Brasil em que ele realmente cartografa todas as vertentes, obras e situações da literatura brasileira. Ele divide por épocas, divide por gêneros, divide por regiões. Então aquela obra, são seis ou oito volumes, é de referência fundamental. A gente pode até discutir o livro X, o volume X é melhor do que o Y, o fulano é melhor que cicrano, mas isso é o ônus que se paga por uma obra que é construída por vários autores. É uma obra de não sei quantos colaboraram. Colaboradores são muitos. Mas é uma base fundamental para qualquer mapeamento que se faça ainda hoje, e são mais, quase 70 anos, eu acho, da literatura nacional.

01:12:27:09

VINHETA – Estamos apresentando

01:12:45:19

VINHETA – Voltamos apresentar

01:12:54:24

OFF

Cravado na Cadeira 33 está o nome do inaugurador do impressionismo na literatura brasileira, Raul Pompeia. O patrono acabou conhecido como autor de um livro só, “O Ateneu”, fama que não faz jus à sua produção. Pompeia também foi conhecido pela verve polemista, essa, sim, incontroversa.

01:13:21:28

EVANILDO BECHARA – Atual ocupante da Cadeira 33

O nosso patrono, Raul Pompeia, patrono da Cadeira que foi do Afrânio e que agora com muita honra é minha. O Raul Pompeia foi incontestavelmente um autor genial. Ele soube colocar no seu grande romance, ele soube colocar todos os seus dotes literários. Então, eu continuo dizendo, o Afrânio descobriu o Raul Pompeia, porque nós só conhecíamos o Raul Pompeia pelo “O Ateneu”. O Afrânio publicou as obras completas do Raul Pompeia em 11 volumes. Foi rastrear tudo que ele tinha deixado nas crônicas de jornais, em trabalhos de poesia, em trabalhos de prosa, em crítica. Uma coisa extraordinária.

Raul Pompeia – Patrono da Cadeira 33

01:14:19:10

REGINA ZIBERMAN – Escritora e professora

“O Ateneu” é mesmo um livro fundamental na literatura brasileira. Ele cria personagens assim, paradigmáticos na literatura brasileira. Quer dizer, não apenas o do próprio narrador, o Sérgio, mas do Aristarco. O dono da escola que escrevia os livros didáticos e distribuía pra fazer propaganda. Tem uma frase que o Aristarco era todo um reclame. Quer dizer, ele fazia propaganda de si mesmo. A descrição daquele ambiente opressivo das escolas da classe média brasileira, tudo isso é fundamental e definitivo. Acho que poucos livros desse período são tão importantes quanto “O Ateneu”.

01:14:58:03

GILBERTO ARAÚJO – Doutor em literatura

Eu acho que o Raul Pompeia é um dos maiores escritores do século 19 para não dizer da literatura brasileira inteira. Infelizmente ele ficou reputado como autor de um livro só, que embora seja uma obra prima, “O Ateneu”, mas ele tem uma produção esparsa monumental, que já foi reunida pelo Afrânio Coutinho, e era um autor também muito empenhado no ato de escrever. Então, era dedicado ao extremo. Se isolava um pouco do circuito boêmio de seus amigos. E isso também gerou nele uma postura muito extremista. Ele tinha opiniões políticas, estéticas muito arraigadas e que geraram até depois inimigos para ele. Pessoas que eram próximas do Pompeia ficaram um pouco ali, desafeitas a ele por causa dessa incapacidade de mudar ao longo da vida. Então, além de ser um estilo de escrita bastante atípico pro século 19, embora ele seja contemporâneo do naturalismo, a gente percebe ali uma escrita muito mais sensorial que tenta matizar cores, sentimentos, sons. Então, eu acho que esse estilo mais musical de grandes orquestrações verbais fazem com que a obra do Raul Pompeia seja muito diferenciada, seja quase uma ilha no século 19.

01:16:09:13

OFF

“A irradiação do reclame alongava de tal modo os tentáculos através do país, que não havia família de dinheiro, enriquecida pela setentrional borracha ou pela charqueada do sul, que não reputasse um compromisso de honra com a posteridade doméstica mandar dentre seus jovens, um, dois, três representantes abeberar-se à fonte espiritual do Ateneu.

Fiados nesta seleção apuradora, que é comum o erro sensato de julgar melhores famílias as mais ricas, sucedia que muitos, indiferentes mesmo e sorrindo do estardalhaço da fama, lá mandavam os filhos. Assim entrei eu.”

O Ateneu

Raul Pompeia

01:17:01:08

GILBERTO ARAÚJO – Doutor em literatura

Esses embates ideológicos do Raul Pompeia são correntes ao longo da vida dele inteira. O problema do abolicionismo que ele enfrentava desde muito jovem, e da república. E como Raul Pompeia faz parte, não da primeira geração de republicanos, já é de um segundo momento, ele não teve aquela capacidade de sentir o fim da ideologia republicana. Então em quanto grandes nomes por exemplo como Silva Jardim, o Júlio Ribeiro antes já tinham desistido do republicanismo, Raul Pompeia leva essa ideologia até o fim da vida, mesmo quando ele percebe que a república tinha falhado como projeto. Então essa postura extremista, fez com que ele apoiasse, por exemplo, figuras controversas como o Mal. Floriano Peixoto, chamado Mal. de Ferro. Uma figura inquisitorial, ditatorial, que atacava muitos escritores, cerceava a liberdade vários seguimentos as sociedade. Isso fez com que escritores, inclusive da própria Academia, que defendiam a uma postura mais libertária, como Luís Murat, atacassem explicitamente o Raul Pompeia por essas opiniões políticas. Isso se somou, como sempre no século 19 a questões pessoais. Os dois começaram a trocar desavenças incríveis no jornal, a tal ponto que Raul Pompeia supondo, tendo perdido o direito de resposta ao Luís Murat, deixa um pequeno bilhete anunciando o seu suicídio pra noite de Natal de 25 de dezembro de 1895, com tiro no peito. Então tem um quê de cenográfico também. Sempre muito extremista. No dia em que se comemora o nascimento de uma figura religiosa, ele decide sair da vida.

Floriano Peixoto – Ex-presidente do Brasil

Luís Murat - Fundador da Cadeira 1

01:18:32:01

REGINA ZIBERMAN – Escritora e professora

Outra razão atribuída ao suicídio dele, teria sido o fato dele ser... ele entrou em conflito com a geração dele, com os republicanos, aceitou a direção da Biblioteca Nacional, se não me engano, um cargo qualquer no governo, ficou ao lado do Floriano Peixoto quando todos se afastaram, depois ele foi demitido. Tudo isso eu acho que contribuiu para um desgaste interior dele, daí o suicídio. Não acho que tenha sido por causa de um fato, mas são todos esses fatos ali por volta de 1893 que levaram ao suicídio. Um indivíduo muito sensível e muito irritadiço, e com vários conflitos, quer dizer uma pessoa que se deu muito mal na vida e acabou se suicidando.

01:19:22:22

OFF

Quando uma cadeira da ABL é desocupada, muitos aspirantes à vaga enviam suas candidaturas.

Em alguns casos, são os próprios acadêmicos que planejam a sucessão ideal.

O atual ocupante da cadeira 33, Evanildo Bechara, foi chamado a candidatar-se a pedido dos confrades, que queriam na ABL um filólogo a altura da tarefa de preservação da língua portuguesa.

01:19:56:21

EVANILDO BECHARA – Atual ocupante da Cadeira 33

A língua portuguesa pertence a um grupo de línguas que continuam o latim falado em toda a região em que o latim se espalhou, a românia, onde há línguas muito bem estudadas. Como é o caso do francês, que talvez das línguas românicas seja a mais bem estudada, seguida, por exemplo, do italiano, e agora mais recentemente pelo impulso que a Academia Espanhola deu a preocupação com a língua. Por que a Real Academia é uma academia voltada para a defesa da língua. Porque o latinos já diziam uma frase que é realmente verdadeira - *Verba volant, scripta manent*, isto é, *as palavras voam e o escrito fica*. Então uma língua se consistência pela sua realidade escrita e não pela sua realidade falada. Embora ela nasça dessa realidade falada, mas ela só se torna uma língua de cultura quando ela passa a ser uma língua escrita. Então, dentre essas línguas uma das menos estudadas é o português. De modo que a minha gramática essa preocupação de colocar a língua num pedestal teórico, ao mesmo tempo tem que ser o registro das formas fixadas pelas pessoas de cultura. De modo que é uma gramática escrita para técnicos. Depois eu fui escrevendo gramáticas escolares a ponto de, uma vez que eu fui fazer exame médico, e o médico me examinou e etc, e na hora de aviar a receita ele parou, olhou pra mim e disse “Olha eu estudei pela sua gramática.” Aí eu disse a ele: “Mas não está na hora da vingança.” E o Brasil precisa tomar cuidado, porque os bons lexicólogos estão na faixa dos 70 anos pra cima, e quando esse pessoal passar para o outro lado da vida, nós não teremos substitutos. Tanto que um dos grandes sonhos nossos é criar na Academia um grupo de estagiários que venham a aprender com os lexicólogos da casa a fazer dicionários. De modo que a língua portuguesa precisa pensar em preparar uma geração nova para ocupar esse espaço. Aliás aqui nós temos um serviço muito bom entre muitos outros serviços que a Academia oferece a comunidade, a Academia tem um serviço que é a visita guiada. Durante o ano nós abrimos a Academia para centenas de alunos que vem conhecer a Academia. E na véspera de uma dessas visitas a professora perguntou a turma “Vocês sabem que amanhã nós vamos visitar a Academia Brasileira? O que quê que vocês acham que vão encontrar lá?” E um garoto disse: “Uma porção de velinhos fazendo ginástica”. Porque hoje a palavra academia, em virtude da pouca cultura da palavra “academia” volta. Academia numa é uma academia de letras. É uma academia de ginástica, onde você tem representantes dessa academia em cada esquina hoje.

Evanildo Bechara – Posse em 2001

01:23:59:24

VIDEOGRAFISMO

Cadeira 33

Patrono – Raul Pompeia

Fundador – Domício da Gama

Fernando Magalhães

Luís Edmundo

Afrânio Coutinho

Atual – Evanildo Bechara